
Relato

Acertos Grupocármicos: Reciclagens e Reconciliações no Âmbito da Família Nuclear

Karmicgroup Successes: Recyclings and Reconciliations in the Ambit of the Nuclear Family

Aciertos Grupokármicos: Reciclajes y Reconciliaciones en el Ámbito de la Familia Nuclear

Sheila Torquato Humphreys*

* Advogada. Professora de Direito. Voluntária do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC) Curitiba, PR.

sheilactba@yahoo.com.br

Texto recebido em: 22.07.2015.

Aprovado para publicação em: 18.09.2015.

INTRODUÇÃO

O presente relato objetiva apresentar vivências pessoais da autora, praticante da técnica evolutiva da reciclagem existencial (recéxis), de mudanças pessoais já feitas e outras que necessitam serem postas em prática em prol da evolução própria e grupal, e ressaltar as repercussões positivas da reciclagem individual gerada no seio familiar.

As reciclagens, tanto intraconsciencial quanto existencial, proporcionam oportunidades de evolução, a nível pessoal e grupal. O primeiro a ser beneficiado com as reciclagens conscienciais é a própria consciência, permitindo-se o autoenfrentamento do gargalo evolutivo e a superação das âncoras que a mantinham estagnada na situação patológica na qual se encontrava.

O texto apresenta casuística pessoal, expondo as reciclagens realizadas para melhorar o convívio com o grupocarma, as quais favoreceram reconciliações e desfizeram interprisões.

A autora avalia o impacto positivo das reciclagens realizadas no núcleo familiar e os comportamentos negativos que ainda sabotam a reconciliação e/ou a convivialidade sadia perante três familiares: tio, pai e mãe, pessoas mais próximas no seu dia a dia e com os quais considera possuir uma relação de interprisão mais urgente a ser resolvida. Para narrar a experiência, traz relatos pessoais complementados com *corpus* teórico pertinente ao assunto exposto.

I. PRIMEIRO MEMBRO FAMILIAR: O TIO

Existe uma relação muito próxima da autora com o tio aqui citado, inclusive ele é também seu padrinho. Em função do referido não ter se casado e tido filhos, o tratamento que ele lhe despendia era realmente algo parecido com a relação entre pai e filha.

A autora passou a infância afastada dos membros satélites da família (avós, tios, primos), pois na primeira parte desse período de vida residia em outro país. Quando regressou ao Brasil, passou a morar em um Estado diferente do restante da família, tendo somente os pais como membros mais próximos; não possuía irmãos. Contudo, mesmo com esse distanciamento, o tio continuava muito presente em sua vida e marcou positivamente a sua infância.

Já na adolescência, mudou-se para o mesmo estado em que os demais membros familiares se encontravam, inclusive o tio. Devido ao divórcio do casal, o pai da autora permaneceu em São Paulo e a autora, junto com a sua mãe, mudaram-se para perto dos demais membros da família, no Paraná. Foi uma época em que houve aprofundamento da relação com o seu tio e avós, com quem mantinha contato somente nas férias escolares. O Tio preocupava-se com a educação e, por vezes, questionava sobre o seu desempenho na escola. Quando a autora prestou vestibular foi o seu tio quem a levou para realizar a prova e aplicou o *trote*, ao saber do resultado positivo de sua aprovação.

A relação da autora com tal tio durante a sua infância e adolescência era muito positiva e de muita importância. Contudo, no início da faculdade, o seu avô (pai de sua mãe e de seu tio) foi acometido de uma doença muito séria que mobilizou todos os membros da família. Foram meses a fio de intensos cuidados e revezamentos no hospital.

O desgaste da situação e a falta de comunicação levou a família a um desentendimento generalizado, fazendo com que a relação amorosa entre a autora e o tio virasse desconfiança mútua. O desgaste chegou a tal ponto que a autora rechaçava qualquer ideia de trabalhar no escritório dele, uma vez que ambos possuíam a mesma profissão e já havia concebido a ideia preestabelecida, sem qualquer tipo de fundamento, de que trabalhar junto com o seu tio seria impossível e que nem ele seria a favor.

Foram necessários anos para que tal sentimento se diluísse. A autora passou por acontecimentos marcantes na vida: colação de grau, a desmama do avô, mestrado fora do país e trabalho em diversos escritórios, sempre relutando em trabalhar junto a seu tio, pois era preferível trabalhar para os outros do que com ele.

E foram muitos os escritórios pelos quais passou, mas não permanecia por mais de seis meses nos empregos, embora fizesse o máximo para permanecer e atuasse com dedicação e seriedade. Contudo, algo parecia sempre acontecer (que não envolvia o seu potencial profissional) e que acabava no final com a sua demissão. Para a autora foi uma época de muita insegurança em termos profissionais.

Em maio de 2012, a autora foi dispensada de mais um escritório e, na mesma época, o seu tio, que antes atuava em parceria com outra pessoa, estava trabalhando só. A autora ainda estava relutante e não convencida de que deveria trabalhar junto com ele. Porém, por insistência e incentivo de sua mãe, deixou o orgulho de lado e foi procurá-lo para lhe explicar todo o ocorrido e oferecer sua ajuda em seu escritório.

Foram necessários quase dez anos para que a autora estivesse sentada frente a frente com o tio pedindo uma chance para trabalharem juntos. Apesar do clima de desconfiança, se surpreendeu com a reação do tio que não a repreendeu nem a criticou.

Ao explicar que havia perdido mais um emprego e que estava cansada da instabilidade profissional, a autora mostrou-se sincera e aberta, fazendo com que seus mecanismos de defesa ficassem desarmados. Foi a conversa mais franca e desassediadora que ambos tiveram em décadas. Desde então, passou a ter não só um trabalho, mas uma nova chance de relacionamento com o tio.

No início do reatamento, havia ainda desconfiança entre ambos: a autora desconfiada do momento em que o tio iria dispensá-la e o tio desconfiado de que a autora abandonasse o emprego; porém com o tempo, este sentimento desapareceu completamente e hoje existe uma relação absoluta de confiança entre ambos.

Graças às mudanças comportamentais realizadas e esquecendo o orgulho próprio, a autora desistiu da teimosia e buscou a comunicação desassediadora que favoreceu o resgate do relacionamento com o tio. Vale afirmar que a mesma nunca esteve tão realizada e feliz profissionalmente quanto está atualmente (Ano-base: 2015). Com o tempo, pôde-se perceber o quão importante foi o movimento de reaproximação, o qual não só permitiu reciclagem íntima do comportamento pessoal, mas igualmente não impediu as chances de reconciliação existentes entre a autora e seu tio.

II. SEGUNDO MEMBRO FAMILIAR: O PAI

A autora sempre manteve bom relacionamento familiar com o pai, uma pessoa extremamente calma e paciente, muito ligado a atividades naturais e ecológicas, que encorajava a autora para práticas de esportes ao ar livre e a um estilo de vida saudável e simples, que não só ficava no campo das teorias: até a presente data possui teática no assunto, mantendo um estilo de vida regrado e desapegado.

Mesmo com a separação dos pais, quando a autora possuía onze anos, ele buscava estar presente na vida da pesquisadora, apoiando-a em suas atividades e ajudando-a nas tarefas escolares. Um distanciamento maior se deu quando a autora se mudou para o Paraná, fato que tornou mais difícil a presença constante do pai e houve momentos em que o afastamento se deu por meses, sem comunicação. O amor e o afeto continuaram, porém a iniciativa de procura aos poucos foi diminuindo.

Depois de morar afastada de seu pai por dois anos, a autora descobriu que tinha uma irmã, o que dificultou ainda mais a vinda espontânea do pai para visitá-la. A autora recebeu muito bem a nova irmã, mas via pouco o pai, que passou a dedicar-se, na época, mais à nova criança.

A autora igualmente não despendia muito esforço para ver o seu pai regularmente, estava mais envolta na vida na nova cidade, com os novos amigos e as novas experiências. A situação não era de abandono, mas sim de descuido em relação à manutenção dos laços familiares, pois ambos estavam absorvidos em seus afazeres imediatos, apesar de nunca deixaram de se importar um com o outro, apenas estavam negligentes com a relação.

Tal situação perdurou por aproximadamente dez anos. Havia épocas em que se comunicavam mais e se viam mais e épocas de silêncio e sumiço. A autora esperava a iniciativa vir do pai, que muitas vezes era passivo demais para iniciar qualquer coisa. Por vezes a autora sofria com a ausência do pai, mas não tomava a iniciativa de procurá-lo ou de fazer o primeiro contato.

Depois de uma sessão terapêutica, fazendo análise profunda da relação que possuía com o pai, é que a autora percebeu o quanto ela sentia pela separação e o quanto o distanciamento a afetara. Mas o passado não poderia ser revertido; o que poderia ser feito era trabalhar o presente para reverberar no futuro. Com isso em mente, a autora, naquela mesma sessão, tomou uma decisão importante: não deixaria a cargo do seu pai a qualificação da relação de ambos; faria isso ela mesma!

Desde então, a autora liga semanalmente (coisa que fazia antes de três em três meses) e procura visitá-lo mensalmente. Quando faz isso, costuma passar a maior parte do tempo na companhia dele e atuando de modo a agradá-lo.

Com tais pequenas atitudes, a relação progrediu positivamente; fica nítida a felicidade do pai ao receber um telefonema sem qualquer pretensão ou motivos secundários, a alegria que possui em recebê-la em sua casa e passar tempo com as filhas.

Para a autora, a mudança na qualidade da relação é clara e o mais importante dentro deste contexto é que o movimento de reaproximação partiu da própria autora, pois se esperasse por terceiros a situação poderia ficar malresolvida indefinidamente.

III. TERCEIRO MEMBRO FAMILIAR: A MÃE

A mãe da pesquisadora optou por somente tê-la como filha; com isso, teve o privilégio de ser cuidada e criada pela mãe, que não delegou a tarefa para terceiros. Desde pequena, ficou sob os constantes cuidados da mãe, que até a presente data (Ano-base: 2015), fala com muito orgulho o quão coruja é e se gaba do bom trabalho que fez na criação da filha, com razão.

Mas, em função da relação muito próxima, na qual ficam explícitos os trafores e trafores da pessoa com quem se convive, o desafio é enxergar o outro pelos aspectos positivos, pois a convivência no cotidiano pode se desgastar e ressaltar o lado negativo de cada um, impedindo refletir sobre a totalidade da manifestação consciencial alheia. Até a presente data, a autora ainda mora com a sua mãe, o que configura convivência próxima e cotidiana.

Em direção oposta à mãe, a autora leva uma vida livre e independente, calçada pelo desapego e desprendimento; já a mãe, ainda a vê como a “eterna criança” e, para reforçar esta visão, tem a autora morando sob seu teto, o que acarreta, muitas vezes, um tratamento maternal superprotetor, comportamento que acaba colidindo de frente com as atitudes liberais da autora.

A diferença de pontos de vista gera discussões entre ambas, pois para a autora a mãe sufoca sua liberdade e no entendimento da mãe, ela estaria somente fazendo o seu papel. E, há outro agravante nas discussões: ambas possuem temperamento parecido, com traço de teimosia e emotividade, o que dificulta uma conversa racional.

Após inúmeras discussões e desentendimentos sobre os mesmos tópicos, a autora percebeu que elas permaneciam estagnadas: as brigas eram sempre sobre os mesmos motivos. Cansada de discutir, perder energia e se desgastar emocionalmente, a autora resolveu mudar de tática e não mais entrar em conflito direto com a mãe, ao invés disso, tomaria atitude mais passiva e procuraria ter mais paciência e compreensão quanto as atitudes superprotetoras da mãe: o “segredo” estaria na empatia.

Após a reciclagem do comportamento, a autora procura entender os motivos que levam a mãe a agir de determinada maneira; a escuta mais e reage menos; dá conselhos à mãe de como ela pode suprir a carência sem demandar do amor da filha.

A tarefa, no entanto, não tem sido fácil. Para quem enxerga de fora, pode parecer algo simples. Contudo, no presente caso, a autora acredita estar diante de grande desafio com sua mãe, tendo em vista a complexidade do relacionamento de ambas.

Há vezes em que as discussões ainda existem, mas elas diminuíram em quantidade e o que a autora está convicta é de que, atualmente, possui maior lucidez quanto ao processo e ambiente no qual está inserida, assumindo a responsabilidade perante o seu grupocarma e a tarefa de reconciliação a que se propôs.

A autora não nega as dificuldades e reconhece que encontra na relação com a sua mãe o maior gargalo quanto à reconciliação grupocarma, mas está disposta a fazer a sua parte e trabalhar no que for possível para uni-las pelo amor e não atar ainda mais pelo desafeto.

Atualmente, a autora encontra-se em fase de mapeamento dos traços intraconscientes que dificultam e/ou facilitam as reciclagens e reconciliações realizadas, pois a recéxis é uma etapa e as possibilidades de constante reciclagem fazem da autora uma consciência melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas casuísticas aqui relatadas, observou-se que as reciclagens promovidas dentro do grupocarma partiram primeiro da consciência autoinvestigadora, por isso, a autora considera que as mudanças coletivas é resultado do esforço individual. O exemplarismo das mudanças pode falar mais alto quando diz respeito ao grupocarma e as pequenas mudanças podem significar grandes alterações em relação ao desfazimento de interprisões.

É difícil saber ao certo, no atual nível evolutivo e na dimensão intrafísica, a extensão das interprisões grupocármicas para com aqueles que nos rodeiam, bem como as consequências das atitudes que pioram ou melhoram os nossos vínculos de interprisão. Diante disso, vale refletir: nossas atitudes, hoje, contribuem para as interprisões ou reconciliações grupocármicas: para nos atar ou libertar uns dos outros?

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

1. **Teles, Mabel;** *Profilaxia das Manipulações Conscientes*; pref. Flavia Guzzi; 346 p.; 44 caps.; 10 filmografias; 344 refs.; 21 x 14 cm; br.; 2ª Ed.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2011.
2. **Vicenzi, Luciano;** *Coragem para Evoluir*; pref. Málu Balona; 188 p.; 8 caps.; 5 enus.; glos. 37 termos; 50 refs.; ono.; 21 x 14 cm; br.; Instituto Internacional de Projeiologia e Conscienciologia (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 2001.
3. **Vieira, Waldo;** *Manual da Tenepes: Tarefa Energética Pessoal*; revisores Erotides Louly; Helena Araújo; & Julieta Mendonça; 154 p.; 34 caps.; 147 abrevs.; 18 E-mails; 52 enus.; 1 foto; 1 microbiografia; 1 tab.; 1 teste; 19 websites; glos. 282 termos; 5 refs.; alf.; 21 x 14 cm; br.; 3ª Ed.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2011.

